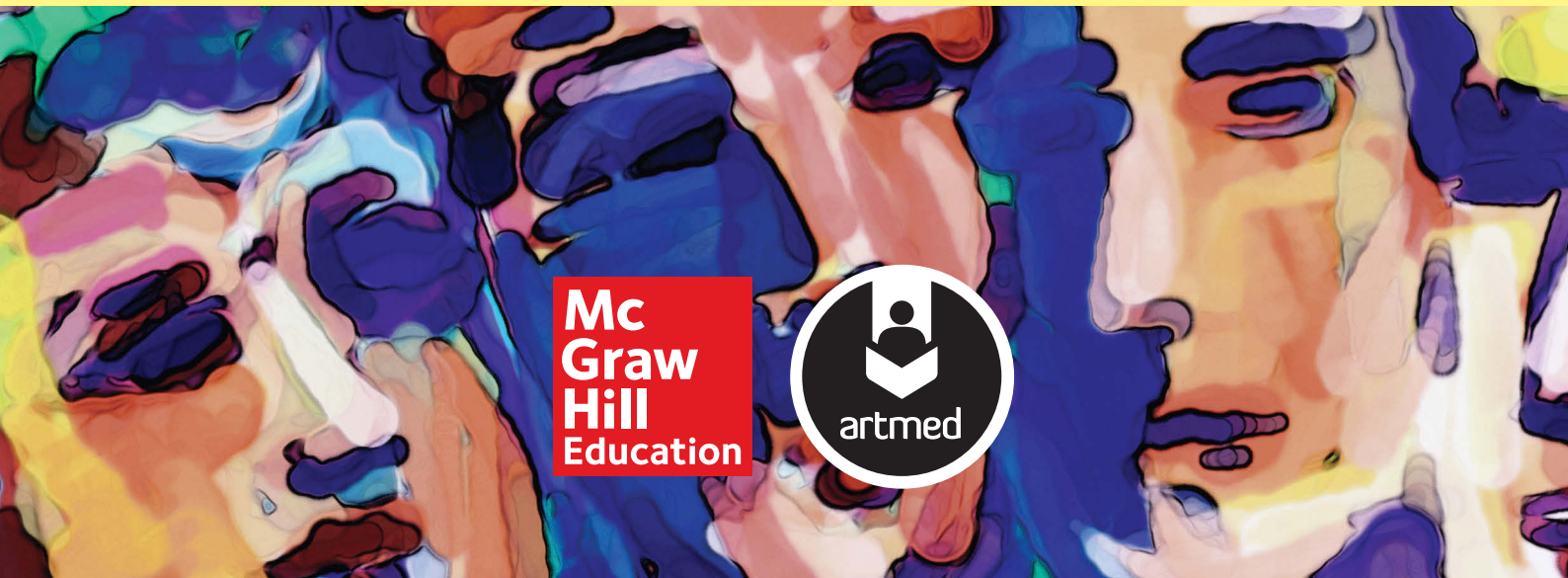




SOCIOLOGIA

RICHARD T. SCHAEFER

6ª EDIÇÃO



**Mc
Graw
Hill**
Education





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

S294s Schaefer, Richard T.

Sociologia [recurso eletrônico] / Richard T. Schaefer ;
tradução: Eliane Kanner, Maria Helena Ramos Bononi ;
revisão técnica: Noêmia Lazzareschi, Sérgio José Schirato. –
6. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre : AMGH, 2014.

Publicado também como livro impresso em 2006.
ISBN 978-85-8055-316-1

1. Sociologia. I. Título.

CDU 316

Catalogação na publicação: Ana Paula M. Magnus – CRB 10/2052

Índice para catálogo sistemático:
1. Sociologia 301

Nas suas tentativas de sobreviver disfarçada em uma trabalhadora de baixa renda disfarçada em diferentes cidades dos Estados Unidos, a jornalista Barbara Ehrenreich desvendou padrões de interação humana e usou métodos de estudo relacionados à investigação sociológica. Esse excerto do seu livro *Nickel and Dimed: On (Not) Getting By in America* [*Miséria à americana*] descreve como Ehrenreich deixou sua casa confortável e assumiu a identidade de uma dona-de-casa divorciada de meia-idade, sem diploma universitário, e com pouca experiência de trabalho. Ela foi em busca de um emprego que pagasse melhor e de uma forma de vida mais econômica para ver se conseguiria sobreviver. Meses depois, completamente exausta e desmoralizada pelas regras de trabalho, Ehrenreich pôde confirmar o que já suspeitava antes de começar: sobreviver naquele país como um trabalhador de baixa renda é uma aposta difícil de ganhar.

O estudo de Ehrenreich revelou uma sociedade desigual, o que constitui um tópico central da sociologia. A desigualdade social tem uma influência determinante nas interações e instituições humanas. Certos grupos de pessoas controlam recursos escassos, usam o poder e recebem tratamento especial. A foto que abre este capítulo ilustra outro foco comum dos sociólogos, os elementos da cultura que definem uma sociedade. Na Índia, as histórias em quadrinhos são uma forma muito popular de mídia que reflete valores culturais centrais.

Embora possa ser interessante saber como um indivíduo faz para pagar suas contas, ou mesmo pode ser

afetado pelos conteúdos de uma revista de aventura em quadrinhos, os sociólogos se preocupam em saber como grupos inteiros de pessoas são afetados por esses fatores, e como a própria sociedade pode ser alterada por eles. Assim, os sociólogos não estão preocupados com o que um indivíduo faz ou deixa de fazer, mas com o que as pessoas fazem como membros de um grupo, ou na interação com os outros, e o que isso significa para os indivíduos e para a sociedade como um todo.

Como campo de estudo, a sociologia tem uma abrangência extremamente ampla. Você verá neste livro a gama de tópicos que os sociólogos investigam – do suicídio ao hábito de ver televisão, da sociedade Amish aos padrões econômicos globais, da pressão entre os pares às técnicas de bater carteira. A sociologia observa como os outros influenciam o nosso comportamento; como as grandes instituições sociais, como o governo, a religião e a economia, nos afetam; e como nós mesmos afetamos outros indivíduos, grupos ou até organizações.

Como se desenvolveu a sociologia? De que forma ela é diferente das outras ciências sociais? Este capítulo vai explorar a natureza da sociologia como um campo de pesquisa e como um exercício de “imaginação social”. Olharemos para a disciplina como uma ciência e considerar sua relação com as outras ciências sociais. Conheceremos três pensadores pioneiros – Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx – e examinaremos as perspectivas teóricas que se desenvolveram a partir do trabalho deles. Por fim, vamos considerar as formas como a sociologia nos ajuda a desenvolver uma imaginação sociológica. ■

O QUE É SOCIOLOGIA?

“O que a sociologia tem a ver comigo ou com a minha vida?” Como estudante, você também poderia ter feito essa pergunta ao se matricular no curso de Introdução à Sociologia. Para obter a resposta, considere estes pontos: Você é influenciado pelo que vê na televisão? Você usa a Internet? Você votou nas últimas eleições? Você participa das bebedeiras no *campus*? Você usa medicina alternativa? Essas são apenas algumas das situações do dia-a-dia descritas neste livro, sobre as quais a sociologia traz alguma luz. Mas, como indica o texto de abertura, a sociologia também observa grandes problemas sociais. Usamos a sociologia para investigar por que milhares de empregos migraram dos Estados Unidos e foram para países em desenvolvimento, que forças sociais promovem o preconceito, o que leva alguém a se juntar a um movimento social e a trabalhar por mudanças sociais,

como o acesso à tecnologia da computação pode reduzir a desigualdade, e por que as relações entre homens e mulheres em Seattle são diferentes daquelas em Cingapura, por exemplo.

A **sociologia** é, de modo bem simples, o estudo sistemático do comportamento social e dos grupos humanos. Ela focaliza as relações sociais, como essas relações influenciam o comportamento das pessoas, e como as sociedades, a soma de tais relações, se desenvolvem e mudam.

A Imaginação Sociológica

Na tentativa de entender o comportamento social, os sociólogos se baseiam em um tipo incomum de pensamento criativo. Um importante sociólogo, C. Wright Mills, descreve tal pensamento como a **imaginação sociológica** – uma consciência da relação entre o indivíduo e a sociedade mais ampla. Essa consciência permite

Você É o Que Você Tem?

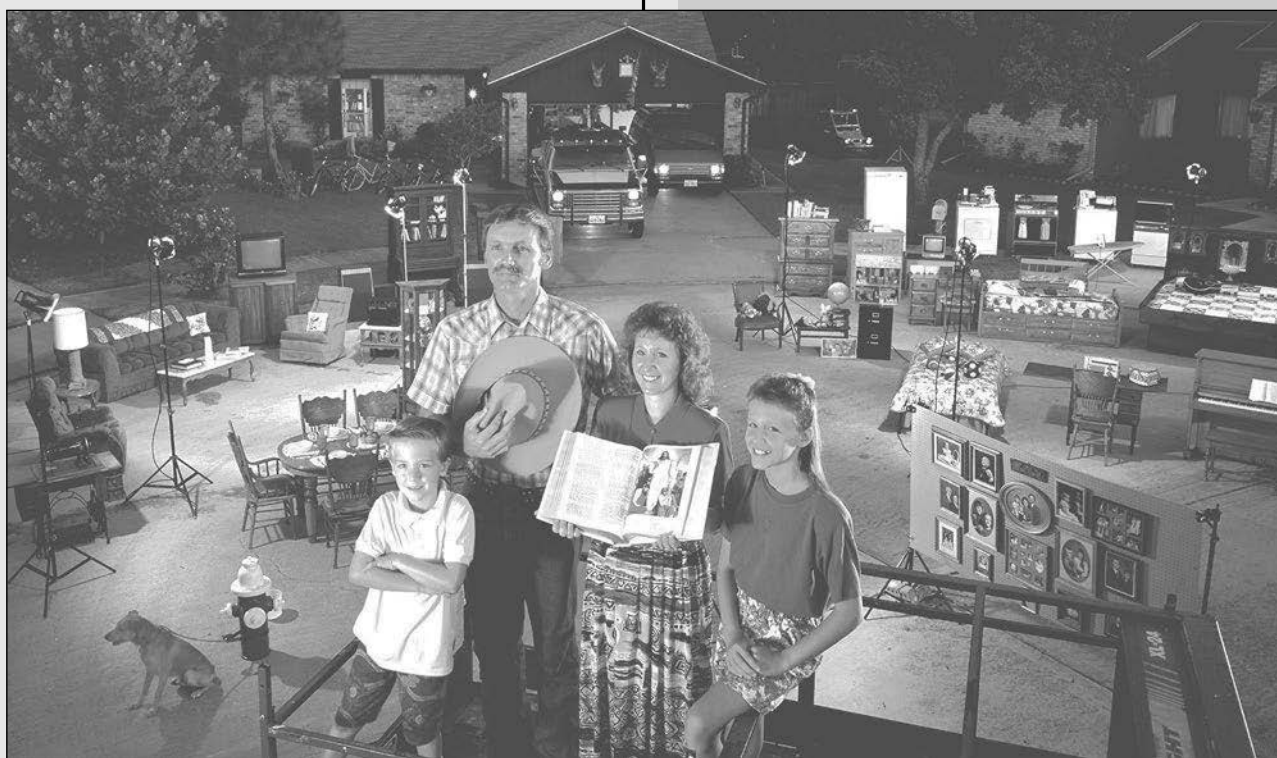
Use sua imaginação sociológica para analisar o “mundo material” de três sociedades diferentes. As fotos são do livro *Material World: A Global Family Portrait* [Mundo material: um retrato da família global]. Os fotógrafos selecionaram uma família “estatisticamente média” em cada país que visitaram e fotografaram essas famílias com todos os seus bens, na casa onde moram. São mostradas, aqui, famílias nos Estados Unidos (Texas), em Mali e na Islândia.

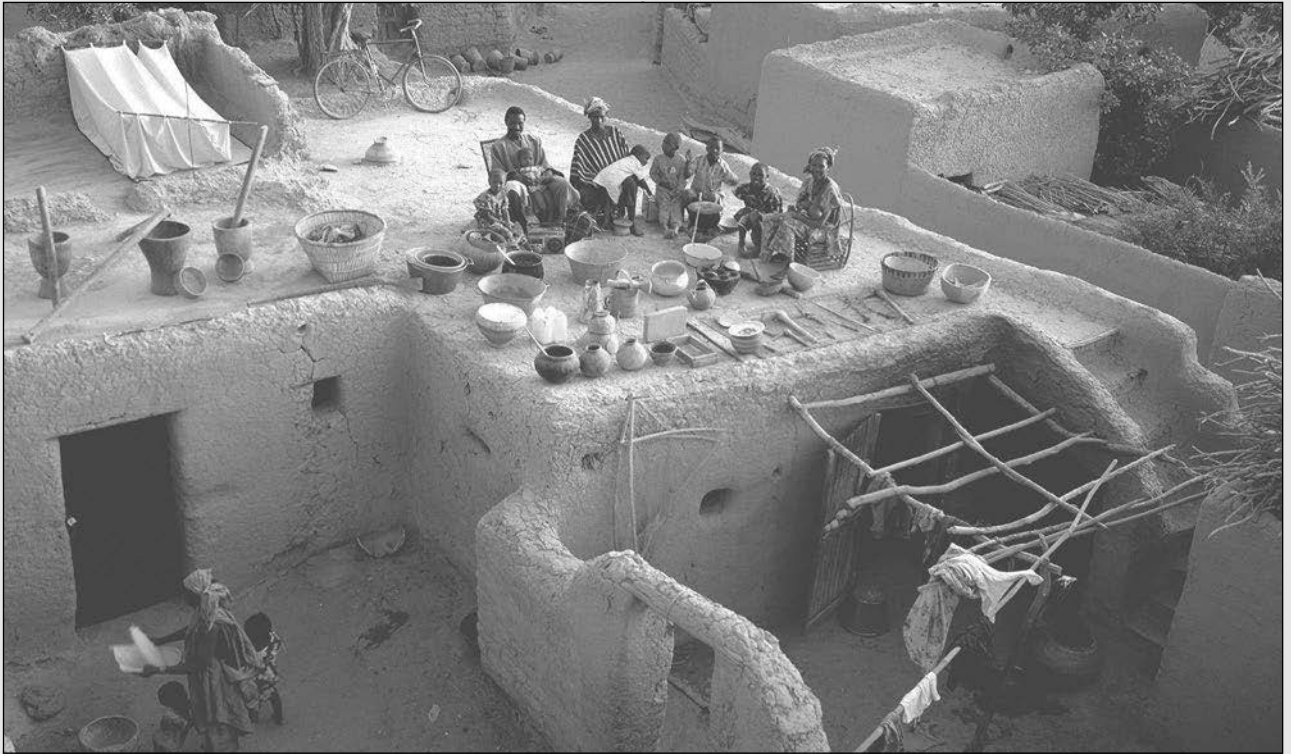
O que os bens materiais nos revelam sobre o tipo de transporte, os alimentos, o tipo de moradia e o estilo de vida de cada cultura? Como o clima interfere nos bens que as pessoas possuem? Que influência teria o tamanho da família na posição econômica ocupada por essa família? Que bens se destinam ao lazer, e quais à subsistência? Como essas famílias empregam os

recursos naturais? Que meios de comunicação estão disponíveis para cada uma delas? Por que você acha que a família de Mali tem tantas panelas, cestos e utensílios para servir alimentos? O que os livros e a Bíblia da família norte-americana (Texas) nos revelam sobre sua história e seus interesses? Como você acha que cada família reagiria se passasse a viver com os pertences das outras duas famílias?

Essas fotos nos informam que, quando olhamos para os bens materiais das pessoas, aprendemos algo sobre os fatores sociais, econômicos e geográficos que influenciam seu modo de vida. As fotos também podem nos levar a pensar sociologicamente sobre os nossos próprios bens materiais, e o que eles revelam sobre nós e nossa sociedade (Menzel, 1994).

A família Skeen em Pearland, Texas, nos Estados Unidos.





A família Natoma (incluindo o marido, duas esposas e os pertences das esposas) em Kouakourou, Mali.

A família Thoroddsen em Hafnarfjörður, Islândia.



que todos nós (não apenas os sociólogos) compreendamos as ligações existentes entre o nosso ambiente social pessoal imediato e o mundo social impessoal que nos circunda e que colabora para nos moldar. Barbara Ehrenreich certamente usou a imaginação sociológica quando estudou os trabalhadores de baixa renda (Mills [1959], 2000a).

Um elemento-chave da imaginação sociológica é a capacidade de uma pessoa poder ver a sua própria sociedade como uma pessoa de fora o faria, em vez de fazê-lo apenas da perspectiva das experiências pessoais e dos preconceitos culturais. Tomemos como exemplo algo bem simples, os esportes. No Brasil, centenas de milhares de pessoas de todos os níveis sociais vão semanalmente aos estádios torcer por seus times de futebol e gastam milhares de reais em apostas. Em Bali, Indonésia, dezenas de espectadores se juntam ao redor de um ringue para apostar em animais bem-treinados que participam das rinhadas de galos. Em ambos os exemplos os espectadores exaltam os méritos dos seus favoritos e apostam nos melhores resultados das competições que são consideradas normais em uma parte do mundo, mas pouco comuns em outra.

A imaginação sociológica nos permite ir além das experiências e observações pessoais para compreender temas públicos de maior amplitude. O divórcio, por exemplo, é um fato pessoal inquestionavelmente difícil para o marido e para a esposa que se separam. Entretanto, C. Wright Mills defende o uso da imaginação sociológica para ver o divórcio não apenas como um problema pessoal de um indivíduo, mas sim como uma preocupação da sociedade. Usando essa perspectiva, podemos notar que um aumento na taxa de divórcio na verdade redefine uma instituição social fundamental – a família. Os lares hoje com frequência incluem padrastos, madrastas e meio-irmãos cujos pais se divorciaram e casaram novamente.

A imaginação sociológica é uma ferramenta que nos proporciona poder. Ela nos permite olhar para além de uma compreensão limitada do comportamento humano, ver o mundo e as pessoas de uma forma nova, através de uma lente mais potente do que o nosso olhar habitual. Pode ser algo tão simples como entender por que um colega de quarto prefere música sertaneja ao *hip-hop*, ou essa outra forma de olhar as coisas poderá revelar uma maneira totalmente diferente de compreender as outras populações do mundo. Por exemplo, depois dos ataques terroristas aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, vários cidadãos passaram a querer entender como os muçulmanos em todo o mundo percebiam o país deles, e o porquê desses ataques. Este livro vai oferecer a você a oportunidade de exercitar a sua imaginação sociológica em diversas situações. Vamos começar com uma que talvez lhe seja mais familiar.

Use a Sua Imaginação Sociológica

Você está caminhando por uma rua da sua cidade. Ao olhar à sua volta, não pode deixar de notar que metade das pessoas, ou mais, está acima do peso. Como você explica sua observação? Se você fosse C. Wright Mills, como acha que explicaria isso?

A Sociologia e as Ciências Sociais

A sociologia é uma ciência? O termo *Ciência* se refere a um corpo de conhecimentos obtidos por métodos baseados na observação sistemática. Da mesma forma que outras disciplinas científicas, a sociologia envolve o estudo sistemático e organizado dos fenômenos (nesse caso, o comportamento humano) para ampliar a compreensão. Todos os cientistas, estejam eles estudando cogumelos ou assassinos, tentam coletar informações precisas por meio de métodos de estudo que sejam os mais objetivos possível. Eles se baseiam no registro cuidadoso das observações e na coleta de dados.

Evidentemente, há uma grande diferença entre sociologia e física, entre ecologia e astronomia. *Ciências naturais* são o estudo das características físicas da natureza e das maneiras pelas quais elas interagem e mudam. A astronomia, a biologia, a química, a geologia e a física são todas ciências naturais. *Ciências sociais* são o estudo das características sociais dos seres humanos, e das maneiras pelas quais eles interagem e mudam. As ciências sociais incluem a sociologia, a antropologia, a economia, a história, a psicologia e as ciências políticas.

Essas disciplinas das ciências sociais têm um foco comum no comportamento social das pessoas, mesmo que cada uma delas tenha uma orientação particular. Os antropólogos geralmente estudam culturas passadas e sociedades pré-industriais que existem até hoje, bem como as origens dos seres humanos. Os economistas exploram as maneiras pelas quais as pessoas produzem e trocam mercadorias e serviços, bem como o dinheiro e outros recursos. Os historiadores estão preocupados com as pessoas e os eventos do passado, e seu significado para nós hoje. Os cientistas políticos estudam as relações internacionais, os atos do governo e o exercício do poder e da autoridade. Os psicólogos investigam a personalidade e o comportamento individual. Então, o que fazem os *sociólogos*? Eles estudam a influência que a sociedade tem nas atitudes e nos comportamentos das pessoas, bem como na maneira como as pessoas interagem e formam a sociedade. Como os seres humanos são animais sociais, os sociólogos examinam cientificamente as nossas relações sociais com os outros.

Vamos considerar como as diferentes ciências sociais podem abordar o tema polêmico da pena de morte. Os historiadores estariam interessados no desenvolvimento da pena capital do período colonial até o presente. Os eco-

nomistas poderiam fazer uma pesquisa para comparar os custos das pessoas encarceradas durante toda a vida com as despesas das apelações que ocorrem nos casos de pena de morte. Os psicólogos observariam os casos individuais e avaliariam o impacto da pena de morte na família da vítima e na do preso executado. Os cientistas políticos estudariam as diferentes posições assumidas pelos políticos eleitos e as implicações dessas posições em suas campanhas para reeleição.

E qual seria a abordagem dos sociólogos? Eles poderiam verificar como a raça e a etnia afetam o resultado dos casos de pena de morte. De acordo com um estudo publicado em 2003, 80% dos casos de pena de morte nos Estados Unidos envolvem vítimas de cor branca, apesar de apenas 50% de todas as vítimas de assassinato serem brancas (ver Figura 1-1). Parece que a raça da vítima influencia a decisão sobre se o réu será condenado à pena capital (ou seja, assassinato punível com a morte) e se ele realmente será executado no final. Assim, o sistema de justiça criminal parece tender a impor penas mais pesadas quando as vítimas são brancas, do que quando elas pertencem a uma das minorias.

Os sociólogos colocam sua imaginação sociológica para funcionar em diversas áreas – incluindo as áreas do envelhecimento, da família, da ecologia humana e da religião. Neste livro você vai ver como os sociólogos desenvolvem teorias e fazem pesquisas para estudar e entender melhor as sociedades. E você será encorajado a usar a sua imaginação sociológica para examinar os Estados Unidos e o Brasil (além de outras sociedades) como

uma pessoa de fora – de maneira respeitosa, mas sempre questionando.

Sociologia e Senso Comum

A sociologia focaliza o estudo do comportamento humano. Entretanto, todos nós temos experiências com o comportamento humano, e pelo menos algum conhecimento sobre ele. Todos nós também podemos ter teorias sobre por que uma pessoa vai viver na rua, por exemplo. As nossas teorias e opiniões geralmente se baseiam em nosso “senso comum” – ou seja, nas nossas experiências e conversas, naquilo que lemos, ou que vemos na televisão e assim por diante.

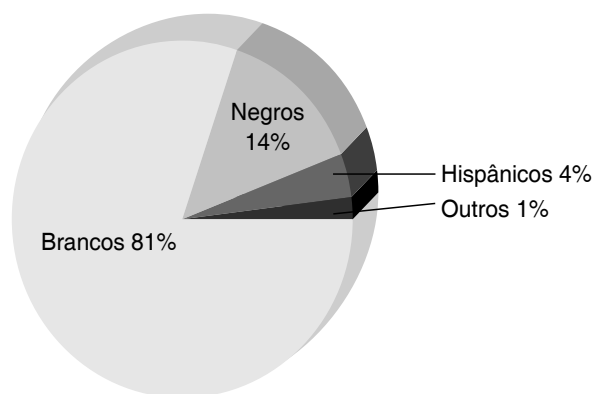
Em nossa vida diária, confiamos no nosso senso comum para resolver situações não-familiares. Entretanto, esse conhecimento chamado senso comum, embora seja preciso algumas vezes, não é sempre confiável, porque ele se baseia em crenças comumente aceitas, e não na análise sistemática dos fatos. No passado constituía senso comum aceitar que a Terra era plana – uma visão questionada corretamente por Pitágoras e Aristóteles. Noções incorretas consideradas de senso comum não pertencem apenas a um passado distante, mas permanecem até hoje.

Nos Estados Unidos, hoje o “senso comum” diz que as pessoas jovens vão ao cinema onde está sendo exibido *A paixão de Cristo* ou a concertos de rock cristão porque a religião está se tornando mais importante para elas. Contudo, essa noção particular de “senso comum” – como a noção de que a Terra era plana – não é verdadeira, e não se baseia na pesquisa sociológica. Em 2003, pesquisas anuais feitas com universitários do primeiro ano mostram um declínio na porcentagem de pessoas que freqüentam serviços religiosos, mesmo ocasionalmente. Um número crescente de universitários declara não ter preferência religiosa. A tendência inclui não apenas religiões organizadas, mas também outras formas de espiritualidade. Poucos estudantes rezam ou meditam mais hoje do que no passado, e poucos consideram seu nível de espiritualidade muito alto (Sax et al., 2003). O Brasil não é exceção. A evangelização de jovens foi o tema principal da 44ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No maior país católico do mundo, onde dos 34 milhões de jovens que se confessam, católicos menos de 10% freqüentam os serviços religiosos.

Da mesma forma, os desastres em geral não produzem pânico. Logo após uma catástrofe, como uma explosão, por exemplo, grandes organizações e estruturas sociais surgem para lidar com os problemas da comunidade. Nos Estados Unidos, por exemplo, um grupo de operações de emergência freqüentemente coordena serviços públicos e mesmo certos serviços em geral desempenhados pelo setor privado, como a distribuição de alimentos. O processo decisório torna-se mais centralizado nos momentos de crise. No Brasil, por exemplo, a

FIGURA 1-1

Raças das Vítimas nos Casos de Pena de Morte



Obs.: Esses dados referem-se a todos os casos de pena de morte de 1976 a 30 de janeiro de 2004.

Fonte: Death Penalty Information Center, 2004.

A pena de morte tende a ser imposta quando a vítima é branca. Nos Estados Unidos, 50% de todas as vítimas de assassinatos são brancas, mas nos casos julgados com possibilidade de pena de morte, a porcentagem de vítimas brancas é de mais de 80%.



Estudantes universitários freqüentam menos cerimônias religiosas hoje do que no passado, apesar da presença de ministros no *campus*, tal como este do centro de jesuítas na Fairfield University, em Connecticut. A pesquisa sociológica confirma uma tendência de queda na prática de uma religião.

defesa civil assume a responsabilidade por este trabalho de atendimento às vítimas de catástrofes, como grandes incêndios e inundações, coordenando as ações de resgate e as operações de emergência em conjunto com o Corpo de Bombeiros e a Polícia.

Como outros cientistas sociais, os sociólogos não aceitam algo como um fato porque “todo mundo sabe disso”. Ao contrário, cada informação precisa ser testada e registrada, e depois analisada em relação a outras informações. Os sociólogos se baseiam nos estudos científicos para descrever e compreender o ambiente social. Às vezes, as descobertas dos sociólogos podem parecer simples senso comum, porque eles lidam com facetas familiares da vida diária. A diferença é que tais descobertas foram testadas pelos pesquisadores. O senso comum agora nos diz que a terra é redonda. Mas essa noção particular de senso comum baseia-se em séculos de trabalhos científicos que começaram com as descobertas feitas por Pitágoras e Aristóteles.

O QUE É TEORIA SOCIOLÓGICA?

Por que as pessoas cometem suicídio? A resposta tradicional de senso comum é que a pessoa herda o desejo de se matar. Um outro ponto de vista é que as manchas escuras do sol levam as pessoas a se matarem. Essas explicações podem não parecer particularmente convincentes para os pesquisadores contemporâneos, mas elas representam as crenças da maior parte das pessoas até 1900.

Os sociólogos não estão particularmente interessados na razão pela qual um indivíduo comete suicídio; eles estão mais preocupados com a identificação das forças sociais que sistematicamente levam algumas pessoas a se suicidarem. Para fazer essa pesquisa, os sociólogos desenvolvem uma *teoria* que oferece uma explicação geral sobre o comportamento suicida.

Podemos pensar que as teorias são tentativas de explicar, de uma forma abrangente, eventos, forças materiais, idéias ou comportamentos. Em sociologia, uma *teoria* é um conjunto de afirmações que busca explicar problemas, ações, ou comportamentos. Uma teoria efetiva pode ter um poder explicativo e de previsão. Ou seja, ela pode nos ajudar a ver a relação entre fenômenos aparentemente isolados, bem como a entender como um tipo de mudança em um ambiente leva a outras mudanças.

A World Health Organization [Organização Mundial da Saúde] (2002) calculou que 815 mil pessoas cometeram suicídio em 2000. Mais de cem anos antes, um sociólogo tentou olhar para o suicídio de forma científica. Émile Durkheim ([1897] 1951) desenvolveu uma teoria bastante original sobre a relação entre suicídio e fatores sociais. Ele estava basicamente preocupado não com as personalidades das vítimas do suicídio, mas sim com as taxas de suicídio e como elas variavam de um país para outro. Como resultado, quando observou o número de suicídios informados na França, Inglaterra e Dinamarca em 1869, comparou também a população total de cada país para determinar a sua taxa de suicídio. Ele descobriu que, enquanto na Inglaterra apenas 67 suicídios eram informados por milhão de habitantes, na França eles eram 135 a cada milhão de habitantes; e na Dinamarca, 277 a cada milhão de habitantes. A pergunta então passou a ser: “Por que a Dinamarca tem uma taxa comparativamente alta de suicídios informados?”

Durkheim foi ainda muito mais fundo em sua investigação das taxas de suicídio, o que resultou no seu trabalho considerado um marco, *O suicídio*, publicado em 1897. Ele se recusou a aceitar explicações sobre o suicídio que não fossem comprovadas, incluindo as crenças de que forças cósmicas ou tendências hereditárias provocavam tais mortes. Ao contrário, Durkheim manteve seu foco nos fatores sociais, tais como na coesão dos grupos religiosos, sociais e de trabalho.

A pesquisa de Durkheim sugeria que o suicídio, embora fosse um ato solitário, estava relacionado à vida



Os desastres produzem pânico ou uma resposta estruturada e organizada? O senso comum poderia nos dizer que a resposta é pânico, mas, na realidade, os desastres requerem muita estrutura e organização para lidar com os seus resultados. Quando o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 destruiu o centro de comando de emergências da cidade de Nova York, os funcionários rapidamente restabeleceram esse centro para dirigir as buscas e os esforços para resgate das pessoas.

em grupo. Os protestantes tinham uma taxa de suicídio muito mais alta do que os católicos, as pessoas solteiras apresentavam uma taxa muito mais alta do que as casadas, e os soldados tendiam a se matar mais do que os civis. Além disso, parecia haver taxas mais altas de suicídio em períodos de paz do que em momentos de guerra ou revolução, e mais nos períodos de instabilidade econômica e recessão do que em tempos de prosperidade. Durkheim concluiu que as taxas de suicídio de uma sociedade refletem a medida em que as pessoas estão ou não integradas na vida de grupo da sociedade.

Émile Durkheim, como muitos outros cientistas sociais, desenvolveu uma *teoria* para explicar como o comportamento individual pode ser compreendido em um contexto social. Ele apontou a influência dos grupos e das forças sociais sobre algo que sempre havia sido no-

tado como um ato eminentemente pessoal. Com certeza, Durkheim ofereceu uma explicação mais *científica* para as causas do suicídio do que as manchas escuras do Sol ou as tendências hereditárias. Sua teoria trouxe um poder de previsão, uma vez que sugere que as taxas de suicídio aumentam ou diminuem em conjunto com certas mudanças econômicas e sociais.

Evidentemente, uma teoria – mesmo a melhor delas – não é uma afirmação final sobre o comportamento humano. A teoria do suicídio de Durkheim não é exceção. Os sociólogos continuam a examinar os fatores que contribuem para as diferenças nas taxas de suicídio em todo mundo e a taxa de suicídios de uma determinada sociedade. Por exemplo, embora a taxa de suicídio geral da Nova Zelândia seja apenas marginalmente mais alta do que a taxa dos Estados Unidos, a taxa de suicídio entre pessoas jovens é 41% mais alta na Nova Zelândia. Os sociólogos e os psiquiatras daquele país sugerem que a sua sociedade, composta de grupos esparsos em regiões remotas, mantém padrões exagerados de masculinidade que são particularmente difíceis para os jovens rapazes. Os adolescentes homossexuais que não conseguem se adaptar às preferências de seus pares nos esportes ficam particularmente vulneráveis ao suicídio (Shenon, 1995). No Brasil, a taxa de suicídio é relativamente baixa, mantendo-se em torno de 0,056% de toda a população há muitas décadas. Por isso, o suicídio no País não é, na linguagem de Émile Durkheim, um fato social patológico, dada a baixa regularidade com que se apresenta.

Use a Sua Imaginação Sociológica

Se você fosse o sucessor de Durkheim na sua pesquisa sobre o suicídio, como investigaria os fatores que podem explicar o aumento das taxas de suicídio entre jovens nos Estados Unidos hoje?

O DESENVOLVIMENTO DA SOCIOLOGIA

As pessoas sempre mostram-se curiosas sobre temas sociológicos – como nos relacionamos com os outros, o que fazemos para viver, quem selecionamos para nossos líderes. Filósofos e autoridades religiosas das sociedades antigas e medievais fizeram inúmeras observações sobre o comportamento humano. Eles não testavam ou verificavam cientificamente essas observações; e, mesmo assim, suas observações com frequência se tornavam o fundamento dos códigos morais. Muitos filósofos antigos previram que o estudo sistemático do comportamento humano seria realidade no futuro. A partir do século XIX, os teóricos europeus deram contribuições pioneiras para o desenvolvimento de uma ciência do comportamento humano.



Harriet Martineau, uma das pioneiras da sociologia, estudou o comportamento social tanto da sua terra natal, a Grã-Bretanha, quanto dos Estados Unidos.

Os Primeiros Pensadores

Augusto Comte

O século XIX foi um período tumultuado na França. A monarquia francesa havia sido deposta na revolução de 1789, e Napoleão tinha sido derrotado na sua tentativa de conquistar a Europa. No meio daquele caos, os filósofos pensavam como a sociedade poderia ser melhorada. Augusto Comte (1798–1857), considerado o filósofo mais influente do início do século XIX, acreditava que uma ciência teórica da sociedade e uma investigação sistemática do comportamento eram necessárias para melhorar a sociedade. Ele definiu o termo *Sociologia* aplicando-o à ciência do comportamento humano.

De acordo com o que escreveu durante o século XIX, Durkheim temia que os excessos da Revolução Francesa tivessem prejudicado permanentemente a estabilidade da França. Mesmo assim, ele esperava que o estudo sistemático do comportamento social finalmente levasse a interações humanas mais racionais. Na hierarquia das ciências de Comte, a sociologia ficava no topo. Ele a chamava de “rainha”, e os seus praticantes, de “sacerdotes-cientistas”. Esse teórico francês não apenas batizou a sociologia como também apresentou um desafio muito ambicioso para a disciplina que nascia.

Harriet Martineau

Os estudiosos refletiram sobre os trabalhos de Comte principalmente por meio das traduções da socióloga inglesa Harriet Martineau (1802–1876). Martineau era também uma pioneira. Ela realizou observações perspicazes sobre os costumes e as práticas sociais tanto da sua terra natal, a Grã-Bretanha, quanto dos Estados Unidos. O livro de Martineau, *Society in America* A sociedade ([1837] 1962), abordou a religião, a política, a educação das crianças e a imigração naquela jovem nação. Ela dá atenção especial às distinções das classes sociais e a fatores como gênero (sexo) e raça. Martineau ([1838] 1989) também escreveu o primeiro livro sobre os métodos sociológicos.

Os escritos de Martineau enfatizaram o impacto que a economia, a lei, o comércio, a saúde e a população podiam ter sobre os problemas sociais. Ela pregou a favor dos direitos das mulheres, da emancipação dos escravos e da tolerância religiosa. Mais tarde, a surdez não a impediu de ser uma ativista. Na visão de Martineau (1877), os intelectuais e os estudiosos não deviam apenas oferecer observações sobre as condições sociais; eles deviam *agir* em relação às suas convicções de uma forma que beneficiasse a sociedade. É por isso que ela fez pesquisas acerca da natureza dos empregos femininos e apontou para a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre o assunto (Deegan, 2003; Hill e Hoecker-Drysdale, 2001).

Herbert Spencer

Outra importante contribuição para a disciplina da sociologia foi dada por Herbert Spencer (1820–1903). Um inglês vitoriano relativamente próspero, Spencer (diferentemente de Martineau) não se sentia compelido a corrigir ou a melhorar a sociedade; ao contrário, ele simplesmente esperava entendê-la melhor. Buscando bases no estudo de Charles Darwin – *Sobre a origem das espécies* –, Spencer aplicou o conceito de evolução das espécies nas sociedades para explicar como elas mudam ou evoluem com o passar do tempo. Da mesma forma, ele adaptou a visão revolucionária de Darwin sobre a “sobrevivência do mais forte” argumentando que é “natural” que algumas pessoas sejam ricas e outras, pobres.

A abordagem da mudança na sociedade feita por Spencer foi extremamente popular durante sua vida. Diferentemente de Comte, ele sugeria que, uma vez que as sociedades mudariam no final, ninguém precisava ser muito crítico sobre os arranjos sociais atuais, ou trabalhar ativamente por mudanças sociais. Esse ponto de vista agradou muitas pessoas influentes na Inglaterra e nos Estados Unidos, que tinham interesse na manutenção do *status quo* e não confiavam nos pensadores sociais que endossavam mudanças.

Encerra aqui o trecho do livro disponibilizado para esta Unidade de Aprendizagem. Na Biblioteca Virtual da Instituição, você encontra a obra na íntegra.